

Bissexualizando a roleta interseccional¹

Iury SANTOS²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

É notório que as epistemologias bissexuais ainda necessitam de mais espaço na academia brasileira. Como forma de contribuir com esse campo e abordar as possibilidades de exploração de temáticas bissexuais em futuras pesquisas, realizo uma revisão bibliográfica das produções sobre a temática. A interseccionalidade torna-se, dessa forma, central para entender quais são as identidades bissexuais que são comumente exploradas e quais não são tão abordadas. Defino, então, por meio do acionamento da roleta interseccional (CARRERA, 2021), os eixos de opressão pouco discutidos na literatura e aqueles que são mais debatidos.

Palavras-chave: bissexualidade; epistemologias bissexuais; revisão bibliográfica; interseccionalidade; roleta interseccional.

Introdução

Em 2023, durante o 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, apresentei no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades meu trabalho sobre as produções de sentido nos comentários de um perfil de grande visibilidade no Instagram em torno da narrativa de exposição da bissexualidade de Lucas Penteado, participante do Big Brother Brasil 21 (SANTOS, 2023). Naquele artigo, propus o acionamento da roleta interseccional, ferramenta metodológica criada por Fernanda Carrera (2021), como guia para a análise e segmentação dos comentários no perfil @midianinja sob as hastes de opressão ativadas pelos sujeitos que comentaram o episódio. Após o interesse de outros pesquisadores no funcionamento da roleta e em questões específicas sobre monodissidência durante o debate pós-apresentação, decidi me debruçar ainda mais na literatura como forma de encontrar conceitos e análises interseccionais dentro dos estudos da não-monossexualidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando, com bolsa CAPES, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF), email: iusantosdc@gmail.com.

No decorrer da leitura a respeito do tema, percebi uma dificuldade em encontrar textos no campo da comunicação que trouxessem protagonismo para as identidades bissexuais. Embora seja incorreto falar que não existem trabalhos ou pesquisadores que desenvolvam a não-monossexualidade em suas pesquisas, é perceptível o volume reduzido de produções sobre vivências bi+ frente a outras presentes na sigla LGBTQIAPN+, principalmente gays e lésbicas (LEWIS, 2012). Contudo, esse cenário vem se alterando, principalmente a partir da década de 2010, com a produção de importantes obras que retomam conceitos desenvolvidos por autores basilares do assunto nos anos de 1990 e 2000, e que possibilitam uma atual ascendência na produção de trabalhos na área dos estudos sobre a bissexualidade.

Nesse contexto, enquanto, também, analisava o estado da arte para o aprofundamento na minha dissertação de mestrado, me atentei para a maneira com a qual a bissexualidade é abordada e quais aspectos que compõem esses indivíduos são acionados. Conseqüentemente, percebi que há trabalhos que apresentam, de certa forma, as interseções da sexualidade com diferentes eixos determinados por Fernanda Carrera em sua roleta. Mas, antes de adentrar nas percepções a partir da gira(bi)lidade da roleta, é importante definir o que consideramos como interseccionalidade.

Organizada por Kimberlé Crenshaw (1991) a partir de ideias e conceitos desenvolvidos dentro do feminismo negro, a interseccionalidade não se refere a uma soma de identidades ou a aforismos matemáticos hierarquizantes (AKOTIRENE, 2019), mas sim a marcações e condições estruturais que atravessam os corpos, compõem os sujeitos e influenciam suas experiências frente às complexas relações de poder. Podemos definir, então, pontos inerentes à vivência dos indivíduos, que estabelecem suas relações com o espaço que transitam e com as pessoas que encontram nesses espaços, sejam eles físicos ou virtuais.

Sob esse olhar interseccional, ao retomar o estado da arte, percebi algumas questões que julgo importantes e merecem ser debatidas pelas epistemologias bissexuais de maneira mais aprofundada. Ao traçar um panorama geral a partir do que foi coletado, percebi o acionamento frequente de alguns eixos presentes na roleta interseccional, enquanto outros mostraram-se, praticamente, ausentes. Assim, tendo em vista o crescimento contemporâneo de trabalhos com essa temática, realizo a ativação da roleta interseccional para, após levantamento bibliográfico, identificar quais temáticas e quais personificações bissexuais se fazem mais ou menos presentes nas pesquisas.

A gira(bi)lidade da roleta interseccional

Antes de adentrar na análise dos eixos de opressão mais abordados na literatura sobre identidades bissexuais e os conceitos e indivíduos associados a cada um deles, dei início ao caminho metodológico com a coleta dos trabalhos. Parti, então, de dois textos específicos, a dissertação de mestrado de Helena Monaco (2020), e o livro de Shiri Eisner, “Bi: Notes for a bisexual revolution” (2013). Essa escolha foi feita pela influência de ambos, o primeiro nacional e o segundo internacional, em diversas produções mais recentes sobre monodissidência e, também, por trazerem como referencial teórico epistemólogos bissexuais essenciais nos anos 1990 e 2000, que abriram caminho para o entendimento da monodissidência enquanto conceito e identidade.

Dessa forma, no primeiro semestre de 2024 selecionei artigos, dissertações, teses e livros que focassem, exclusivamente, na bissexualidade. Nomes frequentemente citados, como Elizabeth Sara Lewis (2012), Maria Pramaggiore (1996), Steven Angelides (2001) e Kenji Yoshino (2000) formaram o quadro inicial de leitura. Após esse momento de fichamento dos trabalhos, busquei outros mais recentes, que explorassem raça, gênero, classe, geolocalização, entre outros tópicos de constituição desses sujeitos bi+. Recorri, então, às plataformas Google Scholar e ResearchGate, além da revista acadêmica *Journal of Bisexuality*, combinando palavras-chave tanto em português quanto em inglês, mantendo “bissexualidade/bisexuality” e “bissexual/bisexual” como padrão na busca.

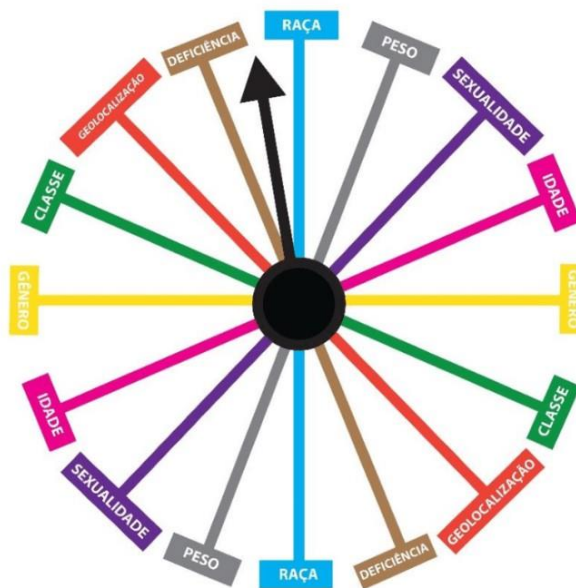
Como último ponto da metodologia, inseri os textos dentro dos eixos de opressão da roleta interseccional. É necessário dizer que há diferentes interseções dentro deles, em alguns o gênero e o peso são ativados, em outros a deficiência e a idade etc. Então, como forma de categorizá-los dentro das temáticas e entender quais são mais presentes nas pesquisas sobre pessoas não-monossexuais e quais não são, busquei o objetivo principal de cada um, ou seja, qual eixo de opressão os autores trazem protagonismo e guiam suas análises. Consequentemente, adentrei, de fato, no funcionamento da roleta interseccional.

Essa ferramenta metodológica pode ser definida como um elemento visual pensado para o campo da comunicação. Ela opera como um guia para “análises qualitativas a respeito dos sujeitos, dos objetos e dos processos comunicacionais” (CARRERA, 2021, p. 15). Seu acionamento é o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador, de maneira a identificar os eixos de opressão que marcam o sujeito da pesquisa e, a partir desses, definir aqueles importantes para as perguntas iniciais. No

decorrer da análise é necessário retornar à roleta para realizar novas perguntas baseadas em quais atravessamentos são ativados em diferentes momentos.

Visualmente, como podemos observar na figura abaixo, a roleta possui uma vareta, que pode parar em qualquer um dos seguintes pontos coloridos; gênero (em amarelo), classe (em verde), geolocalização (em vermelho), deficiência (em marrom), raça (em azul), peso (em cinza), sexualidade (em roxo) e idade (em rosa). A cada pausa, a cor selecionada se ilumina e, ao final, gera uma nova cor em contato com as outras selecionadas, formando um indivíduo atravessado por aquelas marcações.

Figura: Roleta interseccional



Fonte: Fernanda Carrera (2021)

Passado esse resumo do funcionamento da roleta, paramos a vareta em cima do eixo roxo, que corresponde à sexualidade. Ele ficará constantemente iluminado enquanto os giros acenderão todos os outros sete atravessamentos no decorrer da análise de uso para estudos sobre a bissexualidade. A partir desse ponto, passo por cada eixo de opressão, apresentando sua interseção com a bissexualidade a partir da revisão bibliográfica.

A vareta rosa, roxa e azul

Com a seta da sexualidade iluminada, é necessário definir o que significa ser bissexual. Nesse sentido, trago uma das definições mais populares, desenvolvida por Robyn Ochs (1996). Para a ativista, ser bissexual significa sentir atração romântica e/ou sexual por pessoas de mais de um gênero, algo que não precisa ocorrer ao mesmo tempo,

da mesma maneira ou na mesma intensidade. A bissexualidade opera, como bem aborda Helena Monaco (2020), como um termo guarda-chuva, que abrange bissexuais, pansexuais, polissexuais, assexuais não-monossexuais e/ou não-monorromânticos, entre outros.

Em seu percurso histórico e conceitual, a bissexualidade percorreu um caminho de patologização no final do século 19 e início do século 20, como aponta Steven Angelides em seu livro, *History of Bisexuality* (2001). Ela era entendida em um primeiro momento como desviante fisiologicamente, atrelada a pessoas intersexo, que não se encaixavam dentro de um padrão binário do sexo masculino/feminino. Já em um segundo momento, foi analisada sob um ponto de vista psicanalítico, como uma mistura de feminilidade e masculinidade mental. Ambos analisados sob a ótica de homens cisgênero brancos de instituições de saúde no norte global, responsáveis pelo controle de suas definições. Como consequência, e resistência, no decorrer do século 20 e século 21 esse pensamento foi rebatido por organizações e epistemólogos que viam a bissexualidade enquanto marcador identitário, com características singulares e subversivas das certezas da sexualidade humana. A partir desse ponto, estudos sobre a não-monossexualidade passaram a figurar em diversos campos do conhecimento, dentre eles a comunicação.

As epistemologias bissexuais buscam, então, entender o que é a bissexualidade, como ela opera enquanto identidade e seu caráter subversivo frente ao binário heterossexual/homossexual. Nesse sentido, a bissexualidade é o ponto de partida para desestabilizar essa divisão entre os dois polos. Ela é uma identidade que possui

“elementos da heterossexualidade e da homossexualidade, ela está nos dois lugares, porém, não pertence a nenhum deles [...] é a barra divisória na dicotomia hétero/homo que define e separa esses dois espaços, enquanto também evidencia a permeabilidade entre eles” (MONACO, 2020, p. 43).

Essa permeabilidade que torna turva as fronteiras entre as identidades monossexuais é explorada por Maria Pramaggiore (1996) em sua epistemologia da cerca. Esta seria uma representação metafórica da bissexualidade, um entre-lugar, não estando nem de um lado, nem de outro, mas que é reconhecida por ambos enquanto algo existente. Ao materializar-se em uma cerca, nega-se estar inteiramente em um dos dois espaços, há uma recusa às fórmulas que definem gênero, sexo e sexualidade de acordo com as categorias binárias. Em sua forma, os espaços entre as tábuas tornam possível observar e identificar o que há no outro lado e a, também, reconhecer a, talvez, maior semelhança

entre ambos, heterossexualidade e homossexualidade; a atração exclusiva por pessoas de um gênero/sexo específico.

Por meio da passagem de um lado para o outro da cerca, possibilitada por esses espaços, questiona-se o caráter estático e inalterável da sexualidade humana. Esse ponto de perturbação das certezas e questionamento da fixação em apenas um lugar é um dos pontos mais importantes e subversivos da bissexualidade. Nesse sentido, Naomi Mezey observa que essa identidade “sugere que as categorias heterossexual e homossexual possuem bordas porosas, que não são mutuamente exclusivas e que podem não ter nenhum significado estável” (1995, p. 103).

Entender a bissexualidade, significa, para além de potenciais subversivos, tanto da fluidez temporal da sexualidade e de sua não-estaticidade, compreender as relações de poder na qual ela está inserida. Estas podem ser sentidas em diferentes âmbitos, inclusive na reduzida presença nas discussões acadêmicas, nas representações midiáticas e, até mesmo, nos espaços *online* e *offline*. Essa ausência perceptível possui relação com o contrato epistêmico de apagamento bissexual (YOSHINO, 2000), conceito citado na grande maioria dos trabalhos sobre identidades monodissidentes. Mas o que significaria esse contrato?

Um contrato é algo acordado entre duas partes, no nosso caso, os dois binários de sexualidade; heterossexualidade/homossexualidade. Ele consiste em um investimento, da monossexualidade, ou seja, identidades que se atraem por apenas um gênero/sexo, na estabilização identitária. Assim, pessoas bi+ seriam vistas e construídas como inautênticas e teriam suas experiências e vivências apagadas e deslegitimadas. Um reflexo da invisibilização por meio do apagamento é a falta de referenciais nos meios comunicacionais; podemos refletir, então, quantos personagens bi+ nos são apresentados, quais personalidades bi+ da mídia podemos nomear e quais discussões em torno do tema conseguimos retomar nos mais diversos conteúdos e contextos. Outro ponto que afeta essas pessoas é a pressão para que se autointitulem heterossexuais ou homossexuais em diferentes situações e, por último, mesmo que a pessoa diga com todas as letras que é bissexual, ela seja associada por terceiros a um dos lados do binário.

Esse conjunto de opressões pode ser lido como bifobia, ferramenta que opera dentro de um sistema monossexual para oprimir e tirar a legitimidade dessa identidade. A bifobia, como veremos a seguir, possui grande relação com os eixos da roleta interseccional, apresentando opressões específicas a cada pausa da vareta nas diferentes

hastes coloridas. O próprio contrato epistêmico de apagamento da bissexualidade pode ser sentido na falta de desenvolvimento literário sobre determinadas temáticas que serão debatidas.

De eixo em eixo se faz a bissexualidade

O primeiro eixo que nós iluminaremos, para além da sexualidade, é o amarelo, referente ao gênero. Grande parte dos trabalhos existentes ou focam inteiramente nos diferentes estereótipos produzidos pela bifobia com relação ao gênero, ou tocam nessa temática em certo ponto de suas análises. Resumidamente, passaremos por algumas questões ligadas às vivências bissexuais de mulheres cis, homens cis e pessoas trans.

Em seu livro, Shiri Eisner (2013) aborda em três capítulos as singularidades de opressões vivenciadas pelos três grupos mencionados acima. Na primeira seção, a ativista traz a apropriação de mulheres bi+ pela mídia de modo que, no lugar de ameaça ao sistema heterossexual/homossexual, suas figuras sejam construídas como um atrativo ao *male gaze* cisgênero, colocando o público no lugar do homem em cena por meio de um olhar voyeurístico e objetificante sobre seus corpos. A mulher bissexual é, então, construída na mídia de maneira hipersexualizada, referenciadas em inúmeros casos como lésbicas e apresentadas de maneira não confiável. Podemos usar como exemplo dos dois primeiros pontos os filmes pornográficos *mainstream*, referenciados no livro de Eisner, e no terceiro ponto a construção das *femme fatales* nas produções audiovisuais, exemplificadas por Julia Shaw (2023).

Diferente das mulheres bissexuais, os homens bi+ estão praticamente ausentes nas narrativas. Esse fator segue a forte invisibilização das masculinidades bissexuais de modo geral, resultado perceptível do contrato epistêmico de apagamento da bissexualidade. Nesse sentido, eles são colocados em um lugar de disputa com a homossexualidade masculina, que tenta “colocar esta modalidade de satisfação sexual dentro de seu território, afirmando ser própria de homossexuais pouco assumidos ou em processo de assumir sua suposta “verdadeira” homossexualidade” (SEFFNER, 2003, p. 165). Quando reconhecidos, são postos em uma posição de ponte bissexual, ou seja, vetores de transmissão de ISTs do “mundo *queer*” para o “mundo hetero”, ocupando um lugar de promiscuidade e traição.

No caso de pessoas trans bissexuais, é perceptível a grande lacuna nos trabalhos que materializam esses corpos. É importante ressaltar que a monodissidência e a

transexualidade são entendidas pelas epistemologias bi+, como pontos compartilhados de rompimento e questionamento dos sistemas binários, que cristalizam sexualidade e identidades de gênero, principalmente quando marcados em um mesmo corpo. Por outro lado, embora haja esse potencial subversivo, há desafios a serem superados, como a falta de inclusão das pessoas transexuais na comunidade bissexual e o próprio entendimento de que há bissexualidade na comunidade trans (EISNER, 2013).

Com relação à literatura sobre monodissidência e gênero para além dos materiais já citados, há outras pesquisas que aprofundam essas questões na comunicação. Embora ainda seja complexo encontrar vasta literatura, não é muito difícil se deparar com trabalhos que tragam, principalmente, as construções de mulheres nos meios comunicacionais (CANCIO; CHACEL, 2022; CANCIO; LOPES, 2023; CHICKERELLA *et al.*, 2021; COREY, 2017; HARMAN, 2019; KURTZ; THOMAS, 2021). Em contrapartida, os dois outros grupos mencionados necessitaram de buscas bem mais aprofundadas. Trago então, como desenvolvimento da bissexualidade masculina a dissertação de Fernanda Rossi (2020), que aborda o personagem Juliano, de Minha Mãe é uma Peça 2. Já para demonstrar o aprofundamento da não-monossexualidade trans, foi necessário sair da comunicação e adentrar em um dos poucos textos sobre o assunto, o terceiro capítulo do livro “Bisexual Spaces: a geography of sexuality and gender” (HEMMINGS, 2002).

Nos direcionando para as outras hastes de atravessamento da roleta podemos perceber uma escassez de trabalhos cujo objetivo principal é identificar e analisar marcadores para além da seta amarela. Raça, classe, geolocalização, idade, peso e deficiência, quando mencionados, figuram rapidamente nas pesquisas, e, quando protagonistas, constam em um número escasso de produções bibliográficas. Nos estudos da comunicação, percebemos que a interseção com os eixos mencionados acima é raramente ativada.

Dessa forma, ao seguirmos na nossa análise para iluminar a seta azul, referente à raça, podemos observar questões estruturais presentes desde o desenvolvimento do conceito de bissexualidade enquanto identidade. Sua conceitualização se deu, majoritariamente, no norte global, lugar predominantemente branco, então, as pesquisas sobre não-monossexualidade eram, e até hoje são expressivamente realizadas por, para e sobre pessoas brancas. Esse cenário tem mudado cada vez mais com o avanço da produção acadêmica bissexual em países fora do eixo Estados Unidos-Europa.

Contudo, ainda temos que percorrer um caminho para abraçar mais a questão de raça atrelada à monodissidência. Pois, uma característica comum nos trabalhos é o uso da raça para caracterizar brevemente os sujeitos da pesquisa e, quando há demarcadores de raça, estes são, geralmente, utilizados para informar que uma baixa amostragem dos participantes é não-branca (WILLIS; YOUSSEF, 2023). Um segundo ponto, levantado por Chloe Willis e Chadi Youssef, é de que “os estudos tipicamente não informam as identidades étnico-raciais de seus participantes e, muito menos, incluem essas categorias como fatores em qualquer modelo estatístico subsequente” (2023, p. 12).

Por sua vez, a classe, em verde, é comumente iluminada nas pesquisas quando há demarcação de raça, pois, como observa Carla Akotirene, a “interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe” (2019, p. 30). No caso deste trabalho, embora os eixos apareçam, muitas vezes, sincronizados, eu analiso em específico pesquisas cujo objetivo central se relacione com a classe social. Nesse sentido, utilizo apenas um trabalho, encontrado após uma busca insistente nas plataformas mencionadas na seção contendo a metodologia. Nele, os autores mencionam o ineditismo do artigo ao investigar as relações entre pobreza e publicização da identidade sexual de pessoas bissexuais (ROSS *et. al*, 2016). O estudo confirma que uma expressiva parcela das pessoas bissexuais no Canadá vive na linha da pobreza e este cenário tem impacto em sua saúde mental. Não-monossexualidade, pobreza e saúde mental, se interrelacionam por meio de quatro caminhos; 1) experiências na juventude relacionadas à sexualidade ou pobreza impactam na vida adulta, 2) a bissexualidade impacta nas experiências de emprego, 3) pobreza e/ou bissexualidade estão associadas com discriminação e, como consequência, falta de acesso a suporte social, e 4) monodissidência e pobreza, juntas, limitam o acesso à serviços de saúde mental.

No eixo de geolocalização, trago três pontos para discussão; o acionamento dentro das pesquisas, a localização da produção de conhecimento e o espaço que essas pessoas ocupam. No primeiro caso, a localização dos sujeitos nas pesquisas aparece com certa frequência, principalmente quando é utilizado o método de entrevistas. Contudo, em boa parte dos casos, assim como ocorre com a raça, está restrita à breve nomeação do bairro, cidade ou estado do participante. No segundo ponto, Helena Monaco (2020) compreende que uma parte expressiva da literatura ainda é produzida no norte global e, em sua maioria torna-se inacessível pela não tradução para português ou pela dificuldade em ser encontrada. É importante notar que, apesar de se aproximar e, em muitos aspectos,

englobar questões próximas à realidade de pessoas bi+ no Brasil, os textos estrangeiros não dialogam totalmente com as especificidades que o tema possui em território nacional, portanto, devem ser utilizados com cuidado para não generalizar as experiências.

O último ponto de destaque no que diz respeito à geolocalização é o próprio espaço as pessoas bi+ ocupam. Clare Hemmings (2002), que menciono brevemente na parte de gênero, trabalha com a ideia de espaços bissexuais, que nos dizem muito sobre o lugar, ou não-lugar, que a monodissidência ocupa nas cidades. Segundo a autora, esses espaços são mínimos, recentes e temporários, muitas vezes restritos a conferências que ocorrem sazonalmente e a grupos de suporte. Esses últimos podem ser exemplificados na dissertação de Helena Monaco, que analisa as produções de sentido no Coletivo B, espaço de acolhimento para pessoas bissexuais na cidade de São Paulo. Como última complementação nesse eixo, encontrei no campo da geolocalização a dissertação de Hortência Souza (2022), que sob um viés interseccional articula o Direito à Cidade em Ponta Grossa - Paraná e as identidades bi+ dos habitantes do município.

Finalizando a separação da literatura encontrada nos eixos da roleta, deficiência, peso e idade possuem particularidades que merecem uma maior atenção e conceitualização nas epistemologias bissexuais. Os estudos da interseção entre sexualidade e deficiência entendem que pessoas com deficiência “são obrigadas a trabalhar contra as forças da heteronormatividade e do capacitismo” (SHAW, 2023, p.118) e que há uma visão das identidades *queer* enquanto ausentes de sexualidade e resultantes da deficiência da pessoa. Embora analisem identidades não-heterossexuais no geral, Alex Toft, Anita Franklin e Emma Langley (2019) atestam que, na juventude, momento da vida em que geralmente há o entendimento da própria sexualidade, PCDs muitas vezes não tem acesso a ferramentas para se expressar sexualmente de modo convencionalmente esperado e, também, não encontram em boa parte dos ambientes LGBTQIAPN+ uma recepção positiva e não estigmatizante.

Adentrando no campo da bissexualidade, encontrei um artigo que a intersecciona com a deficiência. Nele, Alex Toft (2023) analisa as conexões entre autismo e não-monossexualidade. O pesquisador observa que sexualidade e gênero são experimentados por pessoas autistas de maneira diferente de pessoas neurotípicas e que, segundo os entrevistados em sua pesquisa, há três pontos de alinhamento. O primeiro corresponde a ambos questionarem as concepções de gênero refletidas nas relações, o segundo diz respeito a invisibilização de ambos, autismo e monodissidência, e, por último, a

hipersexualização de pessoas no espectro autista por meio do toque, enquanto pessoas bissexuais também são vistas como hipersexualizadas.

No eixo, cinza, que compreende os estudos sobre peso, encontrei apenas dois artigos que se relacionam diretamente com a bissexualidade. O primeiro, de Emma Austen, Katharine Greenaway e Scott Griffiths (2020), desenvolve, de maneira comparativa, os estigmas de peso entre homens gay, heterossexuais e bi+. Nele, os pesquisadores notam que há uma pressão a qual homens *queer* são submetidos para atingir um corpo magro e musculoso, socialmente entendido como o ideal e, nesse cenário, homens bissexuais tornam-se os principais alvos de preconceito de peso. Por sua vez, as autoras Flora Oswald e Jes Matsick (2023) abordam o corpo feminino bissexual, notando que há a construção de um ideal de corpo hiperfeminino, marcado pela magreza. Corpos bissexuais gordos, conseqüentemente, seriam percebidos como não-feminilizados e associados a mulheres lésbicas, que, teoricamente, não teriam intenção estética de atrair o olhar masculino.

Por fim, chegamos ao eixo de idade. Assim como raça e, em muitos casos, geolocalização, a idade aparece em diferentes pesquisas sobre não-monossexualidade como uma vaga informação para caracterizar os participantes dos estudos. Encontrei um trabalho que foca exclusivamente na idade e complexifica a bissexualidade em pessoas mais velhas, pouco acionadas na literatura. As duas autoras, Sarah Jen e Rebecca Jones atestam que a lacuna de estudos sobre pessoas bissexuais com idades mais avançadas “reflete a relativa invisibilidade de adultos mais velhos que tiveram experiências de atração, comportamentos e identidades bissexuais dentro da comunidade LGBTQIA+ e na sociedade de modo geral” (2019, p. 2). Esses estudos sobre bissexualidade e idade, principalmente de pessoas mais velhas, podem nos levar a entender, de maneira mais ampla, o caráter fluído da bissexualidade no decorrer do tempo e “o que a identidade bissexual significa para cada indivíduo, como informado pelo contexto cultural, histórico e o tempo de suas vidas” (JEN; JONES, 2019, p. 14).

Considerações finais

Pesquisas sobre bissexualidade tem, cada vez mais, adentrado nos estudos *queer*. Junto a esse volume de novas produções, é necessário pensar nas inúmeras possibilidades de desenvolvimento do tema, entendendo que há singularidades nas experiências com a monodissidência relacionadas às interseções trazidas pela roleta interseccional. Essa por

sua vez, se apresenta como uma boa aliada às epistemologias bissexuais, guiando análises mais aprofundadas, principalmente nos estudos comunicacionais, e que deem conta da pluralidade de vivências bi+.

Por meio da revisão bibliográfica presente neste artigo é possível pensar nas lacunas ainda existentes na literatura, representadas pela baixa quantidade de trabalhos encontrados sobre determinados eixos trazidos na roleta. Gênero, como vimos, é presente em um volume bem maior de trabalhos se comparado com os outros marcadores de identidade. Embora raça, geolocalização e idade também estejam presentes nos textos, ainda são acionados majoritariamente como breves caracterizadores dos sujeitos. Enquanto isso, classe social, peso e deficiência se fazem praticamente ausentes da literatura encontrada. Dessa forma, sob um olhar de oportunidades futuras, estas lacunas apresentam um horizonte de possibilidades para que epistemólogos bissexuais se aprofundem ainda mais em campos pouco explorados e explorem sujeitos ainda inviabilizados dentro de uma identidade bastante invisibilizada. Mas, para isso, é necessário dar o primeiro giro e acender a vareta rosa, roxa e azul.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. E-book. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-Carla_Akotirene.pdf?1599239359) . Acesso em: 27 jul. 2023.

ANGELIDES, Steven. **A history of bisexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

AUSTEN, Emma; GREENAWAY, Katharine H.; GRIFFITHS, Scott. **Differences in weight stigma between gay, bisexual, and heterosexual men**. Elsevier, Melbourne, v. 35, p. 30-40, ago. 2020.

CANCIO, Talitta; CHACEL, Marcela. **Sim, elas são bissexuais**: representação de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2022. p.1 – 15.

CANCIO, Talitta; LOPES, Maria Immacolata. **Bissexualidade na telenovela brasileira**: Raulzito, de Todas as Flores. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2023. p.1 – 13.

CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional**: proposta metodológica para análises em Comunicação. E- Compós, v. 24, 13 out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2198>.

CHICKERELLA, R., *et al.* (2021). **Janelle Monáe vs. Katy Perry**: Depiction of Bi + Identities and Relationship to Depression and Stigma. *Journal of Bisexuality*, 21(1), 71–93. <https://doi.org/10.1080/15299716.2021.1874586>

COREY, S. (2017). **All Bi Myself**: Analyzing Television’s Presentation of Female Bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 17(2), 190–205. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1305940>

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins**: Intersectionality, identity politics, and violence Against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, p. 1241-1299, 1991.

EISNER, Shiri. **Bi**: notes for a bisexual revolution. Berkeley: Seal Press, 2013.

HARMAN, K. (2019). **“Bad at Love”**: Halsey’s Bisexual Display. *Journal of Bisexuality*, 19(4), 554–577. <https://doi.org/10.1080/15299716.2019.1695036>

HEMMINGS, Clare. **Bisexual Spaces**: a geography of sexuality and gender. Routledge, 2002.

JEN, Sarah; JONES, Rebecca L.. **Bisexual lives and aging in context**: a cross-national comparison of the United Kingdom and the United States. *The international journal of aging and human development*, v. 89, n. 1, jul. 2019.

KURTZ, Adriana; THOMAS, Fabiana. **O “B” invisível**: apagamento bissexual e bifobia na série televisiva Glee. *Revista Observatório*, Palmas, v. 7, n. 2, p. 1-16, abr./jun. 2021.

LEWIS, Elizabeth Sara. **Não é uma fase**: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

MEZEY, Naomi. **Dismantling the wall**: bisexuality and the possibilities of sexual identity classification based on acts. *Berkeley woman’s law journal*, Stanford, p. 98-133, 1995.

MONACO, Helena. **A gente existe!**: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

OCHS, Robyn. **Biphobia**: it goes more than two ways. In: FIRESTEIN, Beth A. (ed.). *Bisexuality: the psychology and politics of an invisible minority*. Sage, 1996. p. 217-239.

OSWALD, Flora; MATSICK, Jes L. **Understanding body size and bisexuality via Femme theory**. *Fat Studies*, Melbourne, v. 12, n. 1, 30 ago. 2023.

PRAMAGGIORE, Maria. **Epistemologies of the fence**. In: HALL, Donald E.; PRAMAGGIORE, Maria (ed.). *RePresenting bisexualities: subjects and cultures of fluid desire*. New York: New York University Press, 1996.

ROSS, L. E. *et al.* **Bisexuality, poverty and mental health: a mixed methods analysis**. *Social Science & Medicine*, v. 156, p. 64-72, 2016.

ROSSI, Fernanda S. **Representação cultural e reconhecimento da bissexualidade: uma análise de Minha Mãe é uma Peça 2 e The Bisexual**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SANTOS, Iury. **Homem, negro, da quebrada e... Bissexual? A narrativa de “saída do armário” de Lucas Penteado no Big Brother Brasil 21 a partir de comentários no Instagram**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2023. p.1 – 15.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 2003. 261 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SHAW, Julia. **InvisiBilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade**. Tradução: Vic Vieira Ramires. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2023.

SOUZA, Hortência. **Quem vive na margem, não se afoga nessa água: bissexualidade, interseccionalidade e direito à cidade em Ponta Grossa – Paraná**. 2022. Dissertação (mestrado em gestão do território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

TOFT, Alex. **“These made-up things mean nothing to me”**: exploring the intersection of autism and bisexuality in the lives of young people. *Journal of Bisexuality*, v. 23, n. 3, p. 229-249, 25 mai. 2023.

TOFT, Alex; FRANKLIN, Anita; LANGLEY, Emma. **“You’re not sure that you are gay yet”**: the perpetuation of the “phase” in the lives of young disabled LGBT people. *Sexualities*, v. 23, n. 4, p. 1-17, 29 abr. 2019.

WILLIS, Chloes; YOUSSEF, Chadi. **Random bisexual forests: intersections between gender, sexuality and race in /s/ production**. *Proceedings of the Linguistic Society of America*, v. 8, n. 1, p. 1-14, 27 abr. 2023.

YOSHINO, Kenji. **The epistemic contract of bisexual erasure.** Stanford Law Review, Stanford, v. 52, n. 2, p. 353-461, jan. 2000.